

Educação, Comunicação e Mídias: Interfaces na Prática Docente¹

Cleide Aparecida Carvalho RODRIGUES²

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

Este texto é uma reflexão preliminar da proposta de inserção da disciplina Educação, Comunicação e Mídias no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. Com base nas teorias do campo da educação e da comunicação a disciplina busca apreender as interfaces desses campos a partir do entendimento de que ambos envolvem um processo de produção cultural. Com esse entendimento os alunos constroem narrativas utilizando diferentes linguagens (acadêmica, artística e multimídia).

Palavras chaves: mídias, comunicação, formação docente

Introdução

Com o entendimento de que Educação e Comunicação são práticas culturais e as Mídias expressão simbólica das diferenças culturais, a disciplina Educação, Comunicação e Mídias, ofertada no 8º período do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Goiás (UFG), têm como propósito central contribuir para reflexão conceitual da articulação dos processos educativos e comunicativos como produção cultural na sociedade tecnológica. Nesta proposta, voltada para a formação de professores, objetiva-se também, contribuir para a preparação de docentes aptos a entender a estrutura e a linguagem das mídias como processo educativo e cultural. Para isso, desenvolve-se o exercício teórico prático de leitura crítica das mídias, a discussão sobre o consumo e a ética e a construção de práticas interdisciplinares, por meio de oficinas, leituras e análise de vídeos e programas televisivos.

A proposta

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, INTERCOM 2009, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás.

A inserção da disciplina Educação, Comunicação e Mídias no currículo do curso de Pedagogia da UFG, a partir de 2006, significou um marco importante no campo da formação docente. Apesar, dessa temática, ser alvo de constantes estudos, debates e reflexões que buscam a superação das contradições teórica e práticas, no campo da educação é comum a ausência de espaço para essas reflexões. É fato que quando o tema mídias ou tecnologias aparece como pauta de discussão na formação docente, surgem divergências teóricas ou mesmo colocações inquietantes temerosas a sua utilização pragmática. Isto é, por parte de alguns professores do ensino fundamental a expectativa ao cursar uma disciplina com este tema é de aprender a produzir vídeos, Cds, blogs, sites, sem valorar os estudos teóricos, por parte de docentes da academia consideram que a utilização das tecnologias no cotidiano escolar é forma de alienação. Expectativas a parte a proposta em vigor busca justamente o contraponto pragmático alienante a medida que o estudo teórico acompanha a análise de cada produto midiático presente no cotidiano social e educacional.

Atualmente, a política nacional de formação de professores tem investido em programas de capacitação que visam a apropriação das mídias e das Tecnologias de Informação de Comunicação (TICs) em suas práticas pedagógicas. Exemplo disso é o Programa Mídias na Educação em nível de extensão e especialização desenvolvido em parceria entre MEC/ IEs/ Estado/ Município. Outros programas que precederam este foram o TV Escola, o Salto para o Futuro e o TV na Escola e os Desafios de Hoje. Considerando os resultados desses programas pode-se dizer que o Programa Mídias na Educação apresenta como propósito capacitar professores para desenvolver práticas pedagógicas inovadoras por meio do uso de tecnologias e das mídias como produção cultural.

A reflexão inicial é sobre o quadro de desarticulação entre as linguagens “escolares” com as linguagens do “mundo midiático” o qual constrói, reforça e multiplica enunciados propriamente seus em sintonia ou não com outros discursos e outras instâncias de poder.

Evidencia-se que este descompasso entre o mundo da escola, ainda preso ao quadro de giz e ao uso (quase que) exclusivo do texto impresso, e o mundo da mídia, sobretudo a TV, que trabalha com som, imagem e movimento tem sua origem nos cursos de formação docente. A falta de sintonia, de articulação desses mundos decorre da concepção de leitura

que se restringe à decodificação dos símbolos lingüísticos (alfabéticos). Essa concepção de leitura gera um esvaziamento simbólico da escola que, ao ver-se progressivamente destituída de seu papel de instância privilegiada da produção, organização e difusão do saber, tenta, pela negação desta nova forma de representação da realidade social, perpetuar uma estrutura já abalada por visíveis sinais de decadência.

Entendo que ler é uma atividade complexa que envolve problemas semânticos, culturais, ideológicos e filosóficos, isto é, a leitura envolve a contemplação, a ruminação, a mediação e a representação. Isto é, na sua amplitude, a leitura é concebida como ato de desvendar, destrinchar, ir além dos códigos lingüísticos, ler objetos, fatos que no rodeiam, enfim ler o mundo. Como assinala (YUNES, 1988) a leitura é condição para dar voz ao cidadão, entretanto, em nossa prática, vemos um grande número de pessoas que apenas conseguem decifrar códigos lingüísticos, porém não extrapolam o ato de leitura textual. Com base nos estudos de Santaella (2004) concebo que a leitura das mídias requer um leitor contemplativo que é seduzido pela potencialidade das tecnologias, ao mesmo tempo movente e imersivo. Se apropriando dessa referência e dos estudos da teoria da Recepção tenho buscado apreender as interfaces da temática Educação, comunicação e Mídias na prática docente.

Na década de 80 alguns estudiosos anunciavam que as próximas décadas seriam marcadas pelo poder do conhecimento, do saber. Hoje vivemos a denominada sociedade da informação e da comunicação, reconhecida como a sociedade tecnológica e a chamada sociedade globalizada como uma situação irreversível. E nós como nos situamos nesta sociedade? Como nos comunicamos no dia – a - dia?

Entendo que a comunicação é um ato inerente a vontade humana. Aliás, ela é o elemento próprio e distinto da humanidade. No contexto da “sociedade cheia de tecnologias”, como afirma Kenski (1999), que tipos de comunicação temos exercido? Telefones fixos e móveis, fax, internet, vídeo conferência, etc, são recursos inovadores que potencializam nossa comunicação individual e coletiva, mas é inegável que em nosso processo comunicativo o predomínio ainda é da escrita e da oralidade.

Como cidadãos do mundo, participantes ativos ou “passivos” desta sociedade global, temos apenas duas opções: ou penetramos no palco da disputa pelo conhecimento

nos apropriando das potencialidades das TICs como receptores ativos, críticos que conseguem discernir os processos de manipulação ideológica e de produção cultural ou nos colocamos em um mundo “doméstico”, como meros consumidores, receptores passivos ao adquirir as tecnologias de informação e comunicação(TICs) como meros produtos de luxo.

O que isso significa no cotidiano escolar? Basta colocar na escola tv, vídeo e laboratórios de informática? Neste mundo imerso de TICs esse tipo de investimento não basta, apesar de essencial as pesquisas e experiências mostram que não é o suficiente. A necessidade de acompanhar os avanços postos por esta sociedade, não pode estar descolada do exercício do trabalho docente, isto é de sua formação. Percebo que essas e outras tantas exigências de saberes é um grande desafio colocado ao professor. Seu papel parece ofuscado, incerto no universo midiático que seduz a todos, inclusive o aluno.

Na tentativa de desvelar o papel do professor e construir caminhos apontamos alguns questionamentos: Quais os processos comunicacionais que estabelecemos nos atos de ensinar e aprender? Será que o professor está apto a promover um ensino dialógico promovendo leituras sobre as mídias? Quais os saberes necessários para este empreendimento? Como construir práticas que superam o caráter meramente instrumental sem cair na apologia acrítica das tecnologias, nem na visão redentora, nem “apocalíptica” das tecnologias no cotidiano escolar? Estas e outras tantas questões compõem nosso cotidiano educativo, em especial a referida disciplina desenvolvida no curso de Pedagogia.

Nos últimos anos, a temática formação docente tem sido alvo de constantes estudos, debates e implementação de propostas curriculares que buscam superar suas deficiências teóricas e práticas. Com intuito de formar o professor para a leitura depurada do arsenal midiático é necessário, num primeiro plano refletir sobre o papel da escola e o papel do professor frente a diversidade de linguagens que se fazem presentes dentro e fora da escola.

Como aponta a pesquisa de Citelli(1997), os professores, via de regra, não se apropriam das diferentes linguagens que os alunos vivenciam cotidianamente fora da escola, principalmente os veiculados pela mídia.³

³ Mídia(s) são os “meios de comunicação”, os veículos por onde circulam as mensagens comunicacionais. Podem ser: a) imprensa, como o jornal, outdoor e revistas; b) eletrônica, como o rádio, o cinema, a televisão, o computador, as tecnologias multimidiáticas e a internet.

Ao retornar ao exercício de reflexão inicial, concebo que a escola deve ser espaço de desenvolvimento de leitura da intencionalidade da mídia que se faz presente explícita e implicitamente na prática pedagógica. Negar a presença da influência da mídia no processo educativo escolar significa negar o mundo vivido do aluno e do professor. É importante reconhecer que a intencionalidade da mídia traduz a construção de valores, comportamentos e idéias sociais, ou seja, o caráter pedagógico da mídia exerce um poder de formação se ser humano, sob o véu da sedução, que deve ser desvelado.

O processo

Desenvolver práticas de olhares de leitores críticos em relação as mídias tendo como aporte as mediações torna possível o desvelamento das intencionalidades seja do processo educativo ou do comunicativo.

As interfaces apreendidas ou mesmo construídas neste processo de formação humana escolar esta voltada à problematização e análise de temáticas relacionadas as práticas interdisciplinares com apropriação das tecnologias e das mídias no contexto escolar. Busca compreender os mecanismos dos meios de comunicação na influência para o consumo tecnológico e analisar formas de gestão das mídias no âmbito escolar.

As temáticas discutidas nesta disciplina envolvem: Educação e comunicação como práticas culturais; novas realidades sociais e as mudanças no mundo do trabalho, na vida social e na escola; abordagens conceituais: educação, informação, conhecimento, comunicação, tecnologia e mídia; tecnologias da informação e comunicação e linguagem midiática nos processos educativos; leitura critica das mídias: TV, jornal e revista impressa, Internet e Gestão da comunicação e das mídias no ambiente escolar.

Nesta disciplina, o exercício de leitura ultrapassa o universo verbal e abrange imagens e sons tornando-se multimidiática desenvolvendo no indivíduo a capacidade de análise, interpretação e síntese. Na verdade, este exercício de pensar e agir comunicativamente a partir do olhar da educação, não é uma conclusão, nem metodologia, mas, sim, uma concepção de que a leitura crítica envolve vivências familiares, culturais e sociais, as quais contribuem para o processo de construção de identidade dos sujeitos leitores e produtores de leituras. Os olhares leitores, promovidos nesta disciplina, inicia-se

com o cadastro dos alunos em um ambiente virtual de aprendizagem (TeLeduc), simultâneo a um expressivo significado na construção das identidades, pensamentos, ações e sentimentos nos debates relativos aos textos indicados, bem como nas atividades práticas que envolvem a produção de mídias (impressa, digital ou audio visual).

Para o desenvolvimento desses estudos a dinâmica adotada envolve: estudo individual e coletivo no espaço da sala de aula presencial e ambiente virtual de aprendizagem (AVA); leituras orientadas; atividades no (AVA); seminários temáticos e produção midiática. As atividades realizadas nessas dinâmicas enfatizam as formas e linguagens de apresentação de uma narrativa que pode ser: escrita (gêneros literários) ou de cunho científico, videogravação em VHS, Cdrom ou DVD, audiogravada, desenho gráfico, artes plásticas ou digitais como site e blog.

Com base nas orientações de Guarreschi (2005), os alunos se apropriam dos meios de produção midiática por meio de oficinas que possibilitam a experimentação em que colocam-se como protagonistas contrapondo-se ao rigor dos formatos comerciais das diversas linguagens, é por meio desse viés a educação para a mídia adquire também o status de produção cultural. Ao lançar mão de ferramentas das tecnologias os alunos escolhem uma das formas de linguagem, já mencionadas, para desenvolver estudos e atividades coletivas e individuais que envolvem uma temática educativa.

Denominadas por narrativas as atividades realizadas em sala de aula e no ambiente virtual de aprendizagem (AVA), geram significações e re-significações visto que as leituras das imagens e dos sentidos produzidos pelos meios de comunicação são compartilhados e redimensionados. Essas narrativas, em geral, apontam para além dos sentidos expressos pelos meios midiáticos, apontam o filtro crítico motivador da ressignificação de um produto midiático estudado.

Essa prática de apreender as interfaces dos campos temáticos educação, comunicação e mídias em um curso de formação de docentes, tem revelado ao mesmo tempo desafio e possibilidade. Desafio pela ausência de condições materiais de executar as atividades práticas na Faculdade de Educação da UFG com reduzido número de equipamentos (data show, câmara filmadora, máquina fotográfica), e de laboratório de informática e a pouca cultura dos alunos em utilizar um AVA, isto é, mesmos aqueles que

habitualmente utilizam a informática e internet questionam seu uso num processo de formação formal. Como possibilidade tem-se os resultados dos trabalhos apresentados pelos alunos na criação de blog ou sites, produção de vídeos, de material impresso como folder, boletim informativo, simulação de programa de rádio, jogos educativos, portfólios de imagens, dramatizações, etc.

É fato que a globalização modificou radicalmente as categorias espaço – e tempo e com isso todas as dimensões humanas. A mídia neste universo exerce papel central nestas transformações, portanto é fundamental construir relações distintas das visões extremadas satanizadoras ou adesistas em relação aos meios de comunicação de massa.

As interfaces entre os campos da educação, da comunicação e das mídias focalizadas nos estudos de Barbero (1995, 2000 e 2001) Orozco (1997 e 2002) Santaella (1997, 2001 e 2004), Citelli (1997, 2000) e Kenski (1997) representam um novo espaço teórico capaz de fundamentar novas práticas de formação de sujeitos conscientes e efetivos cidadãos. O estudo dessas interfaces em uma disciplina no curso de Pedagogia tem ainda, objetivo de pensar no coletivo escolar, criticamente a realidade, buscar formas de selecionar, distinguir e inter-relacionar informações e conhecimentos fornecidos pela escola e pelas novas tecnologias de informação e comunicação. É neste sentido que essa proposta é planejada como produção cultural, em que as narrativas ampliam os olhares leitores dos alunos em formação docente, pois como disse Freire (1992, p. 69) “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”.

É a possibilidade de construir e ao mesmo tempo desconstruir significados da prática pedagógica destinada para a formação docente que os percursos das interfaces do campo da educação e da comunicação são desenhados. Esses desenhos como representação de sentidos e significados de um coletivo apresentam ressonâncias diversas por parte dos olhares leitores daqueles que valorizam apenas o estudo teórico na formação docente. De fato, é preciso reconhecer que articular princípios teóricos e práticos exige o repensar sobre a nossa própria prática pedagógica. E são exercícios dessa natureza que os olhares leitores sobre as mídias se configuram se definem. Enfim, as interfaces entre educação,

comunicação e mídias estão no agir comunicacional e atitudinal que exercemos como pessoas na individualidade e no coletivo como professores formadores.

Entendo que, neste milênio, será muito mais difícil ser um mestre como mero emissor que forma meros receptores passivos de conteúdos. Ser mestre nesse mundo tecnológico e midiático em que a “comunicação é outra”, é necessário atribuir novos sentidos para a realidade; em que as pessoas saibam criar novos saberes, a serviço da humanidade.

Esse processo de mudança não se restringe a uma questão metodológica, nem de “ecletismo” ou “bricolagem” de teorias e práticas muitas vezes incompatíveis. As mudanças estão pautadas nas possibilidades que emergem no movimento das tensões e essas por sua vez são geradas nos limites do velho e do novo. É no movimento tencionado que os sujeitos, professor/professora e alunos, compartilham desejos, dúvidas, frustrações e sonhos.

Mudar a postura do professor para um leitor crítico das mídias não é um ato mágico, pois é sua postura diante do aluno, do conhecimento e da realidade que terá ressonância do seu papel. A postura do professor deve ser contextualizada, problematizadora e interativa com o aluno. O professor protagonista do processo educativo não age com voluntarismo nem determinismo, mas com consciência da dimensão política da educação e da importância de sua atuação como sujeito que constrói sua prática a partir da reflexão –ação-reflexão.

E no exercício da problematização passamos a indagar: para que serve a escola? Qual era o encanto da escola? E hoje para quê estudar? Como motivamos e orientamos quem não se sente estimulado pela escola? Concebemos o homem como sujeito que constrói a história, então porque muitas vezes temos a impressão que a história é feita por uma potência oculta? O que fazemos para melhorar nossa prática? Que práticas culturais midiáticas podemos desenvolver na escola?

A escola é uma instituição educativa, e como tal é de suma importância que esteja clara a definição do seu projeto na sociedade e disponibilizada as condições materiais, organizacionais e humanas para efetivação de um trabalho de formação do ser humano, na apreensão das interfaces das diferentes áreas do conhecimento e não apenas instrucional.

Neste contexto, está em nossas mãos, agora, a possibilidade de deletar a escola de portas fechadas e cercadas por muros, para deixar nascer a escola da multiplicidade, das diferenças culturais, do hipertexto, do link, das janelas abertas e das salas de aulas conectadas com o mundo midiático.

Com a intencionalidade de aprofundar as problematizações dessa relação a cada oferta da referida disciplina são apresentados aos alunos alguns trabalhos realizados pela turma anterior, tornando-os conteúdos de estudos. É nessa mesma direção que este texto tem seu foco, uma vez que o exercício de leitura dessa prática provoca-me a buscar as interfaces entre Educação e Comunicação.

Encerro aqui esta reflexão com um pensamento de um pequeno notável mestre que deixou suas marcas em nossa formação e nossa prática docente:

“O novo professor precisará, no cotidiano, criar condições para a vivência dos contextos por parte dos alunos e propiciar também a convivência entre os sujeitos. Será uma nova pedagogia, que denominamos pedagogia da diferença, a qual se estrutura a partir do diferente na diferença, enfatizando as singularidades, tanto de natureza espaço-temporal como no âmbito das subjetividades. Este será o novo papel do professor e esta deverá ser a nova escola no mundo contemporâneo: uma escola centrada nos homens e nas mulheres, enquanto expressões do ser humano.”

Felipe Serpa, novembro 2000

Referências

CITELLI, Adilson O. A escola e os meios de massa. In: CHIAPPINI, Lígia(coord.) Aprender e ensinar com textos não escolares. Campinas, Cortez, vol. 3, 1997.
_____(coord). “Comunicação e Educação – a linguagem em movimento”. São Paulo: SENAC, 2000.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 14ª ed. 1983.
_____. Extensão e comunicação. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 10ª ed.

YUNES, Eliana & PONDÉ, Glória. Leituras da literatura infantil. São Paulo, F.T.D., 1988.
OROZCO, Guillermo. Professores e meios de comunicação: desafios e estereótipos. Revista Comunicação & Educação. São Paulo, (10): 57 a 68, set/dez. 1997.

INTERCOM – Sociedade Brasileira de estudos Interdisciplinares da Educação
XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação- Curitiba PR- 4 a 7 de setembro
de 2009

_____. Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI. In:
Revista Comunicação & Educação. ano VIII . São Paulo: Salesiana, jan./abr. 2002.

BARBERO, J. Martín. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação
social. In: *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense/Eca/USP, 1995. p. 39-68.

_____. O medo da mídia – política, televisão e novos modos de representação. In: DOWBOR,
Ladislau; IANNI, Octavio, et al. *Desafios da Comunicação*. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001

GUARESCHI, Pedrinho A. , Osvaldo Biz. Mídia, Educação e Cidadania. Petrópolis, RJ. Editora
Vozes, 2005.

KENSKI, Vani Moreira. Novas tecnologias, o redimensionamento do espaço e do tempo e os
impactos no trabalho docente. In: *Polêmicas Contemporâneas*, 1997.

_____. Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação. Ed. Papirus, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. O homem e as máquinas. In: DOMINGUES, Diana (Org.). *A arte no século
XXI*. São Paulo: Unesp, 1997.

_____. *Comunicação e pesquisa*. São Paulo: Hacker Editores, 2001

_____. Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo:
Paulus, 2004.